

Antologia

MEMÓRIA E
IDENTIDADE

ONDE O TEMPO ENCONTRA O NOME

org.
Heloísa Soledade de Mendonça
Rafaela Padovan de Oliveira



Heloísa Soledade de Mendonça
Rafaela Padovan de Oliveira
organizadoras

Onde o tempo encontra o nome

1.^a edição

Faculdade de Letras da PUC-Campinas
Campinas, SP • 2026

© **do texto:** Beatriz Alves Dias, Daniela Picchiali, Gustavo Souza Santos, Joana Neriz, João Sgobin, Mirelli Basso e Mónica Stefania Arbeláez Rodríguez, 2026

© **da edição:** Heloísa Soledade de Mendonça e Rafaela Padovan de Oliveira, 2026

Coordenação editorial: João Paulo Hergesel

Edição: Heloísa Soledade de Mendonça e Rafaela Padovan de Oliveira

Diagramação e projeto gráfico: Editora Jogo de Palavras

Ilust. capa: @GRANDESITE – Canva | *Livre para fins pessoais e comerciais*

Catálogo na publicação

Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

O58

Onde o tempo encontra o nome: antologia sobre memória e identidade / Organização de Heloísa Soledade de Mendonça, Rafaela Padovan de Oliveira. – Campinas/SP: Faculdade de Letras da PUC-Campinas, 2026.

Autores: Beatriz Alves Dias, Daniela Picchiali, Gustavo Souza Santos, Joana Neriz, João Sgobin, Mirelli Basso, Mónica Stefania Arbeláez Rodríguez.

Livro em PDF

ISBN 978-65-985398-6-3

1. Antologia – Contos, Crônicas, Poesias. 2. Literatura brasileira. I. Mendonça, Heloísa Soledade de (Organizadora). II. Oliveira, Rafaela Padovan de (Organizadora). III. Título.

CDD 869.908

Índice para catálogo sistemático

I. Antologia – Contos, Crônicas, Poesias: Literatura brasileira

Todos os direitos desta edição são reservados ao componente curricular *Projeto Integrador: Práticas Linguísticas Identitárias*, da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade de Campinas (PUC-Campinas).

Prefácio

A memória não é um depósito estático de fatos, mas um processo vivo de construção. Nesta antologia, o leitor é convidado a percorrer um mosaico de narrativas que buscam dar contorno ao que, muitas vezes, é invisível. Esta obra é fruto do trabalho coletivo no componente curricular *Projeto Integrador: Práticas Linguísticas Identitárias*, da Faculdade de Letras da PUC-Campinas. Aqui, a escrita deixa de ser um exercício acadêmico para se tornar uma ferramenta de investigação do “eu” e do “outro”.

A inspiração para este livro nasceu da necessidade de explorar como a linguagem e o silêncio moldam quem somos. Através de contos, crônicas e poesias, os autores Beatriz Alves Dias, Daniela Picchiai, Gustavo Souza Santos, Joana Neriz, João Sgobin, Mirelli Basso e Mónica Stefanía Arbeláez Rodríguez mergulharam em temas que atravessam a existência humana. Nesta jornada, encontramos a angústia de quem se sente trancafiado em “calabouços” internos e a luta contra a insônia que pesa por não se caber em si mesmo. Verá o desabrochar de identidades que rompem definições simples para finalmente aprenderem a existir, além do encontro de histórias que transformam distância em amizade.

A obra também ecoa vozes que resistiram a épocas de silêncios impostos, retratando mulheres que sustentaram tetos com dignidade. Há o relato da ansiedade no choque entre o desejo de movimento e o isolamento forçado, culminando na coragem de escolher onde a alma respira. O resgate da memória aparece de forma vital, seja através de uma fotografia antiga que serve como "legenda" para a compreensão do autismo, ou de palavras que tentam traduzir uma língua que luta para ser livre.

Sob a coordenação de João Paulo Hergesel e a organização de Heloísa Soledade de Mendonça e Rafaela Padovan de Oliveira, cada texto foi lapidado para refletir a complexidade das vivências. Agradecemos à Editora Jogo de Palavras pelo apoio técnico. A relevância desta obra reside na coragem de nomear o que dói e o que liberta. Que esta leitura seja um encontro com o que permanece vivo em cada um de nós.

As Organizadoras.

Sumário

Ela!

Daniella Picchiali7

Calabouços

Gustavo Souza Santos10

Insônia

Gustavo Souza Santos11

“Ela sempre soube, mas nunca ousou dizer”

Beatriz Alves Dias13

O encontro de duas histórias

Joana Neriz15

Entre o barulho e o nome

João Sgobin16

A mulher que sustentava o teto

Mirelli Basso22

Entre o barulho e o silêncio

Mirelli Basso.....27

Na ponta da língua

Mónica Stefanía Arbeláez Rodríguez.....30

Sobre as autoras e os autores34

Ela!

Daniella Picchiali

A vida começa. Os pais, o filho e ela. A primeira infância é lembrada. O filho com 6, ela com 4.

Carrinhos pela casa. Bonecas organizadas no quarto. Bermuda suja. Vestidinho rosa bem passado. O filho corre. Ela, orientada a sentar direitinho. Você tem que se portar como uma garota.

Com 10, o filho no videogame, na rua, jogando taco, com os amigos. Ela ajudava nas coisas da casa, tirava o lixo, lavava a louça e arrumava as camas. Enquanto os pais transavam.

Nove meses depois. A filha. Bebê pequeno. Adorada. Amada. Como um bebê, chora. Ela nina. Caga. Ela limpa. Quer brincar, ela arruma a diversão.

Os pais. Comem. Bebem. Fumam. Conversam com o filho. Já adolescente. Enquanto ela permanece com a filha.

Época de festa. Ela, presenteada com roupas e cremes para o cabelo. Meninas tem que se cuidar. O filho, com grana. Viagem de férias.

Ela, educada. Fala baixo. Sorri discretamente. Não chama atenção. O filho, com 18. Uma criança ainda. Um menino. Gostava de som alto. Carro novo. Cavalinho de pau. Paqueras. Baseados. Meninas amadurecem mais rápido que meninos.

Ela cuidava da filha. Também variava entre escola e casa. Ele, muito jovem. Uma. Duas. Três faculdades. Não sabia o que fazer da vida.

A filha com 6. Ela, na internet. No chat. Uma abertura para o mundo. No globo. O marido. Os pais. Detestavam o marido. Talvez ela também. O ser do globo. Feirante. Ciumento. Religioso. Possessivo. Preto. Você merece algo melhor do que esse moreninho.

Ela, entre tudo isso, enxergava a brecha. Os pais desejavam dedicação exclusiva. Ela foge. O marido aceita. Os pais, deserdam. Ela, sem escola, sem filha. Madrugava para a feira. Gostava de chupar tangerina. Os feirantes afirmavam: você come muito para uma mulher.

Aos domingos. Na igreja. O pastor a escutava. Também anunciava. Rumo à nova família. O marido não permitia roupa curta e maquiagem no rosto. Ela, empenhada. Cuida da casa. E, sem demora, três crianças. E o marido. Busca o sustento.

Os anos passam. Seis crianças. Ela relata abuso. As crianças. Desmentem. Deve estar naqueles dias. Ela já não vai mais a feira. O marido. Dobra o turno. Ela, no telefone com o pastor, relata agressão. Do marido. O reverendo discursa a favor da família.

Os pais. Morrem. A filha. Chora. O filho. Cuida do velório. Ela. Não chora. Nem comparece ao enterro. Mulher louca. Ela diz que o vizinho invadiu sua casa. Então, não sai mais de casa. No celular. Pede ajuda para

polícia. As crianças. Conseguem impedir. O marido. Liga para o filho. Pede ajuda. Juntos tiram o celular dela.

Ela não derruba uma lágrima. Vai até o portão. Xinga o vizinho. O pastor, o marido, as crianças, a filha e o filho, juntos afirmam. Ela precisa ser internada.

Calabouços

Gustavo Souza Santos

Trancafiado no calabouço construído desde longa data no canto ermo que se acostumou a nomear angústia.

As paredes reforçadas reluziam um brilho atordoante, que o cegava e em flash expunha um pouco de si, algo que ele já havia decidido controlar e não revelar.

A ergonomia do calabouço era lasciva. O espaço lhe feria espetando as inconsistências que dia e noite o perseguiriam.

Sua resolução era clara: resistir às cadeias. Sobrevivência velada. Clausura ensimesmada. Continência convulsiva.

Conquanto as amarras apertassem seus pulsos em atrição, percebeu que o calabouço não possuía travas ou trancas.

A prisão que se acostumou a viver era o próprio querer, ora não-querer, ora querer-viver ou querer-esquecer. A si, um outro, o tempo, o vento, o momento.

Seu calabouço era sua liberdade.

Insônia

Gustavo Souza Santos

Deixei as luzes de todos os cômodos acesas, na esperança de que alguma clarividência me abrisse a razão.

Abri todos os livros, os romances prediletos, as ficções favoritas, as crônicas preteridas.

Alguma segurança poderia surgir das narrativas das páginas a que tanto me afeiçoei.

Mas tão somente a poeira da estante me chamou atenção pelo torpor das narinas. A respiração que já me era rara, reside apenas nos suspiros vagos que posso emitir.

A lista de reprodução.

Procurei todas as fotos, vasculhei todas as gavetas, liguei e religuei todos os sons que um dia fizeram vibrar as paredes desta casa de tramas. Mas o único som audível era minha consciência supersônica.

Não havia metro quadrado que comportasse o tudo-nada que de mim se desprendia e era violência em torrente. Metro cúbico algum sustentaria esta vazão turbulenta e contraditoriamente silenciosa. Um silêncio que gritei dentro de mim. Um embolo que se prendeu à minha garganta. Uma vontade que era empuxo.

Procurei abrigo sobre o teto que chamava de lar. Contudo, as paredes me comprimiam impiedosamente.

E os primeiros raios de sol quentes e singelos invadiam as frestas da janela. Mas eu era presa cativa da soberba de minha desilusão. Pesam os olhos, pesa o corpo, pesa a pressa da chegada que nem mesmo conhece um começo. É pesada a trajetória insone de não caber em si mesmo. É descabida a insônia.

“Ela sempre soube, mas nunca ousou dizer”

Beatriz Alves Dias

Ela sempre soube, mas nunca ousou dizer.

Desde pequena, sentia que havia algo em si que escapava às palavras que lhe davam. Diziam “menina” como quem fecha uma caixa, mas dentro dela havia corredores, janelas abertas, uma vastidão que não cabia em definições simples. Crescer foi aprender a encolher-se, não por escolha, mas por convenção.

Na escola, riam quando ela não respondia aos interesses esperados. Em casa, o silêncio era mais pesado que qualquer grito.

Então ela aprendeu a existir apenas nas entrelinhas, vivendo apenas discreta e cuidadosamente.

Até que um dia, no espelho, algo mudou.

O que havia mudado ia além da sua aparência, do seu nome, suas roupas. Foi a forma como se olhou.

Pela primeira vez, não tentou se corrigir. Não tentou ajustar seus gestos, suavizar seus pensamentos, esconder seus afetos.

Apenas ficou ali, sustentando o próprio olhar. E percebeu que sua identidade não era um erro cabível de conserto.

Era uma história como tantas outras.

O mundo não havia mudado. Ainda havia olhares, julgamentos, perigos. Mas havia algo novo nela: uma espécie de raiz.

Não era apenas sobre dor ou resistência, embora houvesse muito disso.

Era também sobre encontrar, em meio ao caos, pessoas que falavam a mesma língua silenciosa.

Pessoas que reconheciam aquele brilho nos olhos. Aquele brilho de quem finalmente se vê.

Ela ainda tinha medo. Mas agora, o medo caminhava ao lado de algo maior: coragem.

E, pela primeira vez, ela não estava mais tentando caber.

Estava aprendendo a existir.

O encontro de duas histórias

Joana Neriz

No início, seus passos já eram firmes.

E o mundo era seu antes de eu chegar.

Você viveu um tempo vivendo sua jornada sozinha, enquanto o destino preparava o nosso lugar.

Mas o tempo, em sua sabedoria divina, cruzou nossos caminhos para não mais soltar.

A irmã mais velha e a pequena menina, aprendendo juntas o que é compartilhar.

Crescemos. O vazio de antes foi preenchido, com segredos, conselhos e o riso que invade.

O que era distância hoje faz sentido.

Você se tornou minha melhor amizade.

E hoje, ao vê-la seguir para um novo abraço. Desejo ao homem que agora segura sua mão, que ele encontre a paz que encontrei em seu passo, e a alegria de ter o seu coração.

Que ele seja tão feliz quanto eu fui ao seu lado.

Entre o barulho e o nome

João Sgobin

Na ficha da escola, no posto de saúde, no crachá do curso de informática, meu nome sempre vinha inteiro, bem arrumado, como roupa passada para visita: Miguel Ângelo de Souza. Mas, dentro de casa, eu era Guelo. Minha avó dizia *Guelo* com a voz baixa, como quem protege a chama de um fósforo contra o vento. Minha mãe dizia *Guelo*, correndo, entre o feijão no fogo e a roupa no varal. Na rua, eu era o menino esquisito do sobrado verde, o que tapava os ouvidos quando o caminhão do gás passava tocando aquela música aguda que parecia entrar pelos dentes.

Demorei muito para entender que uma pessoa podia ter vários nomes sem trocar de corpo. Mais ainda para entender que o pior não era ser chamado de outra coisa. O pior era quando tentavam me explicar quem eu era como se eu não estivesse ali.

Minha memória mais antiga não tem rosto. Tem som. Um estouro de rojão na festa junina da igreja e, logo depois, o gosto metálico do medo na boca. Eu devia ter uns cinco anos. Lembro da toalha de plástico estampada de girassóis, do copo de refrigerante suando vermelho, da mão da minha mãe apertando meu ombro, e do céu se rasgando em barulho. Todo mundo riu quando eu me joguei por baixo da mesa. Não foi maldade, eu sei. Foi aquele riso

automático que as pessoas soltam quando não reconhecem a dor do outro. Minha mãe não riu. Levantou a toalha, me olhou de joelhos e disse: “Pode ficar aqui até passar.” Esse foi o primeiro lugar onde eu coube sem precisar explicar nada.

Anos depois, veio a palavra. Autismo. Não chegou como uma porta se abrindo. Chegou como um armário despejado no chão. Consulta, papel, laudo, professora chamando minha mãe para conversar, tia dizendo que isso, hoje em dia, inventam para tudo, vizinho cochichando que eu só precisava apanhar menos de carinho e mais da vida. A palavra veio pesada, mas veio inteira. E, pela primeira vez, uma coisa em mim que sempre pareceu defeito apareceu escrita como existência.

Eu tinha 13 anos quando encontrei a caixa de metal da minha avó em cima do guarda-roupa. Foi num sábado abafado, desses em que a casa toda parece transpirar lembrança. A caixa era azul desbotada e guardava linha, botão, santinho e fotografia.

Minha avó já tinha esquecido muita coisa naquela época. Às vezes me chamava de filho, às vezes de Antônio, que era o nome do irmão dela morto menino. Mas as mãos continuavam certas. Separavam arroz de pedrinha, tiravam espinho de peixe, faziam bainha reta sem régua. Quando abri a caixa, encontrei uma fotografia dela ainda moça, com tranças grossas e um vestido claro, parada na frente de uma casa de madeira. Atrás, em letra inclinada,

alguém tinha escrito: “Alzira, 1968. Para nunca esquecer quem você é.”

Levei a foto para a cozinha e perguntei se era ela. Minha avó pegou o retrato devagar, chegou bem perto do rosto e ficou um tempo em silêncio. Pensei que não lembraria. Pensei que a frase no verso era uma ironia dessas que o tempo faz. Mas então ela sorriu de lado, o sorriso mais antigo que conheço, e disse: “Essa menina queria falar bonito para ninguém chamar ela de burra.” Depois bateu duas vezes na fotografia com a unha do polegar. “E conseguiu, viu?”

Naquele dia, ficamos sentados à mesa enquanto minha mãe passava café. Minha avó falou da roça onde cresceu, da vergonha que sentia do próprio sotaque quando veio para a cidade, do patrão que dizia que gente simples tinha de agradecer por trabalhar calada. Contou que treinava palavras difíceis sozinha, repetindo em voz baixa enquanto lavava roupa. Memorizar era o jeito que ela tinha de não desaparecer.

Eu ouvi tudo sem encarar diretamente, olhando o pó de café afundar no coador, porque escutar de frente sempre foi difícil para mim. Ainda assim, cada frase dela foi ficando no lugar certo, como peça guardada em gaveta etiquetada.

Na escola, eu já tinha aprendido a decorar o que esperavam de mim. Olhar por dois segundos e meio. Não interromper para corrigir um detalhe. Fingir que entendi a piada no tempo certo. Rir quando os outros rissem. Era

uma coreografia cansativa. Eu chegava em casa exausto, com a sensação de ter passado o dia inteiro traduzindo uma língua que todo mundo recebia ao nascer e eu não. Quando veio o diagnóstico, algumas pessoas agiram como se eu tivesse virado outra pessoa. Mas eu não tinha virado nada. Eu só tinha ganhado uma legenda.

Minha mãe foi a primeira a perceber isso. Parou de dizer que eu precisava endurecer para o mundo e começou a perguntar o que no mundo me feria. Trocou as lâmpadas brancas da casa por amarelas. Passou a me avisar antes de visitas chegarem. Escrevia bilhetes em vez de gritar do outro cômodo. Pequenas traduções de amor. Há quem ache que identidade é uma placa fixa na porta. Na minha casa, aprendi que identidade também pode ser ajuste fino, igual quando se mexe no rádio até a música parar de chiar.

No ensino médio, pediram uma redação sobre família. Quase todo mundo escreveu sobre domingo, macarronada, avô bravo, cachorro no quintal. Eu escrevi sobre silêncio. Sobre minha avó me ensinando que lembrar não é repetir, é escolher o que merece continuar vivo. Sobre minha mãe, que nunca leu um laudo como sentença.

Sobre mim, que por muito tempo achei que precisava parecer menos intenso, menos literal, menos eu, para ser aceito. A professora devolveu a folha com um comentário na margem: "Texto sensível, mas muito pessoal." Fiquei olhando aquela frase e pensando se existia alguma forma honesta de falar sobre identidade sem atravessar a carne.

No velório da minha avó, choveu a tarde inteira. Eu tinha dezessete anos. Os pingos batiam na cobertura de zinco com um ritmo quase suportável. Muita gente apareceu para dizer que ela era forte, guerreira, dessas palavras que servem mais a quem fica do que a quem parte. Eu fiquei perto do caixão só alguns minutos.

O cheiro das flores me embrulhava o estômago. Antes de sair para o corredor, coloquei dentro do bolso do meu casaco a fotografia de 1968. Ninguém viu. Não foi furto. Foi continuação.

Hoje, quando preencho formulários, escrevo meu nome inteiro sem raiva. Miguel Ângelo de Souza. Quando alguém pergunta se prefiro Miguel ou Guelo, eu respondo: depende de quem chama. Há nomes que nos identificam. Há nomes que nos acolhem. E há memórias que fazem as duas coisas ao mesmo tempo.

Guardo a foto da minha avó dentro de um livro na estante. De vez em quando, viro o retrato e releio a frase do verso: “Para nunca esquecer quem você é.” Já não entendo isso como ordem. Entendo como trabalho. Quem eu sou não está pronto, duro, encerrado. Vai se montando entre aquilo que herdei e aquilo que finalmente pude nomear. Entre o menino embaixo da mesa e o rapaz que aprendeu a pedir menos barulho. Entre o laudo e o afeto. Entre Guelo e Miguel.

Algumas pessoas acham que memória é apego. Para mim, memória é ferramenta. É o que minha avó usou para não ser diminuída. É o que minha mãe usou para perceber

que amor não se prova corrigindo o outro, mas criando espaço para ele existir. É o que eu uso, agora, para não deixar que contem minha história sem a minha voz.

Se identidade é o nome que damos ao que permanece, então a minha talvez seja isso: a coragem de me reconhecer inteiro, mesmo tendo sido lido pela metade por tanto tempo.

A mulher que sustentava o teto

Mirelli Basso

Na época em que ela se casou, mulher aprendia cedo a engolir a própria voz. Não era uma regra escrita em papel, mas vivia em tudo: no modo como os pais decidiam, no jeito como os homens falavam mais alto à mesa, no conselho repetido pelas tias, pelas vizinhas, pelas senhoras da igreja. Casamento era compromisso.

Mulher direita suportava. Mulher direita não voltava para a casa dos pais. Mulher direita fazia dar certo, mesmo quando a vida já tinha desfeito tudo por dentro.

Ela se casou por amor, ou pelo menos pelo nome que dava à esperança naquela época. O homem parecia gentil. Tinha um jeito seguro, falava bonito, fazia promessas com a naturalidade de quem acredita no próprio teatro. Ela, ainda muito nova, acreditou.

Achou que o casamento seria uma construção a dois, um lugar de descanso, parceria e amparo. Mas, logo no começo, descobriu a primeira traição. Depois vieram outras, algumas confessadas pelo silêncio, outras espalhadas em pequenos sinais que ninguém precisava explicar. Pior do que a infidelidade era a segura.

Não havia afeto verdadeiro, nem cuidado, nem a delicadeza mínima que transforma uma casa em lar. Ainda assim, os anos seguiram.

Vieram os filhos. Primeiro o menino, depois a menina. E foi por eles que ela permaneceu em pé. Trabalhava para sustentar a casa, fazia contas apertadas, estendia o salário até ele quase rasgar nas mãos. Aprendeu a economizar no mercado, a reaproveitar comida, a costurar o que estragava, a sorrir para as crianças mesmo quando tinha vontade de chorar no banheiro. O marido existia dentro de casa como um peso antigo: sempre presente, raramente companheiro.

Muitas vezes pensou em ir embora. Mas sua época não lhe oferecia portas abertas. Os pais não aceitariam um divórcio. Separação seria vergonha, escândalo, fracasso estampado no rosto de toda a família. Então ela fez o que tantas mulheres de sua geração fizeram: transformou a própria resistência em rotina. Não porque não sentisse dor, mas porque ninguém a ensinara que sua dor também merecia escolha.

Com o tempo, seu esforço começou a ganhar forma concreta. Depois de anos de trabalho, sacrifício e renúncia, conquistou a casa própria. Não foi presente, nem sorte, nem milagre caído do céu. Foi tijolo por tijolo erguido com cansaço, coragem e um tipo de dignidade que não fazia barulho. Quando se mudou para a casa nova, levou consigo o marido e a filha mais nova, que já namorava naquela época. O filho mais velho já havia se casado e construído sua própria vida, como um pássaro que aprendeu cedo a voar para longe do peso que conhecia.

Naquela casa, ela plantou vasos na entrada, escolheu com cuidado as cortinas, organizou a cozinha do jeito que sempre quisera. Pequenas coisas, quase invisíveis para os outros, mas imensas para quem passara tantos anos sobrevivendo em vez de viver. Pela primeira vez, havia algo ali que lhe pertencia de verdade. Não o amor do marido, que nunca chegou inteiro. Não o reconhecimento da família, sempre tão econômico. Mas as paredes, o quintal, a pia lavada no fim da tarde, o café passado cedo, o chão varrido com o gosto humilde de uma conquista.

A vida, porém, continuou sendo um rio com pedras. Vieram os problemas de saúde. A diabetes foi se tornando uma companhia dura, dessas que exigem cuidado diário e cobram caro cada distração. Mesmo assim, ela seguia. E foi nos últimos anos que algo dentro dela começou a amansar. Não porque os problemas tivessem ido embora, mas porque sua alma encontrou um outro lugar onde descansar. Ela se converteu. Aceitou Jesus com a seriedade de quem não estava procurando espetáculo, e sim alívio. Sua fé não apagou as dores do casamento, nem os conflitos dentro de casa, nem as tensões com o genro, namorado de sua filha, que trazia para perto deles suas próprias sombras e desordens. Mas a fé colocou uma lamparina onde antes havia só cansaço.

Ela passou a falar mais manso. Não porque a vida tivesse ficado fácil, mas porque, pela primeira vez, não carregava tudo sozinha. Orava na cozinha, lavando louça. Cantava baixinho enquanto arrumava a casa. Lia a Bíblia

com os óculos escorregando no nariz e, em alguns dias, parecia haver no seu rosto uma paz que não vinha deste mundo. Seus sofrimentos continuavam os mesmos, mas já não tinham o mesmo tamanho dentro dela.

Quando morreu, levou consigo mais do que uma vida. Levou o eixo da família. Depois da sua partida, a casa nunca mais foi a mesma. O silêncio parecia torto. As paredes, antes sustentadas por sua presença, ficaram frágeis como se tivessem perdido a coluna central. A filha, já mergulhada em um casamento difícil, afundou ainda mais em dívidas ao lado do marido. Vieram os filhos, as contas, os tropeços, a dependência, os medos. Até hoje, luta para se virar, como quem tenta remar com as mãos nuas em água pesada. O filho mais velho seguiu sua vida, mas também carregou essa ausência de um jeito que não se explica em palavras. Cada um sofreu à sua maneira, porque há pessoas cuja existência funciona como costura: só se percebe a importância quando a linha arrebenta.

Quem olha de fora talvez veja apenas uma mulher simples, dessas que existem aos milhares e quase nunca viram história. Mas os que a conheceram sabem. Ela foi uma dessas mulheres que sustentam o teto sem que ninguém note, que mantêm a família de pé mesmo quando o próprio coração já está de joelhos. Amou sem receber o mesmo de volta, trabalhou até o corpo cansar, suportou o que sua época não permitia nomear e, ainda assim, conseguiu deixar ternura por onde passou.

No fim, talvez sua maior vitória não tenha sido a casa própria, nem os filhos criados, nem os anos suportados. Talvez tenha sido não ter deixado a dureza do mundo transformá-la em dureza também.

Ela partiu, mas deixou nos cantos da memória uma espécie de luz doméstica: dessas que não cegam, não fazem alarde, mas impedem a casa inteira de escurecer de vez.

Entre o barulho e o silêncio

Mirelli Basso

Desde pequena, ela aprendeu que amar também era obedecer. Nunca precisaram exigir muito. Bastava o olhar dos pais, a forma como organizavam a vida, as certezas que carregavam sobre respeito, esforço e gratidão. Ela cresceu tentando ser tudo o que esperavam: uma boa filha, uma ótima aluna, uma menina educada, discreta, responsável. E conseguiu. Era sempre elogiada, como se sua obediência fosse a prova de que tudo estava no lugar certo. Mas, por dentro, havia nela uma inquietação que ninguém via.

Ela amava a cidade. Amava o movimento das ruas, os encontros de última hora, as luzes acesas no fim da tarde, a sensação de que a vida acontecia em todos os cantos ao mesmo tempo. Gostava de estar perto das pessoas, dos amigos, da família, do namorado. Gostava do barulho, da pressa, da convivência. Era ali que sentia o peito respirar com mais facilidade.

Seus pais eram o contrário. Apaixonados pelo campo, por cidades pequenas, por sítios afastados, por lugares onde o silêncio parecia infinito. As viagens da família quase sempre eram assim: estradas longas, casas simples, cheiro de terra, horizontes vazios. Eles chamavam aquilo de paz. Ela, em silêncio, chamava de distância.

Aos 19 anos, sua vida parecia finalmente florescer. Tinha namorado, amigos por perto, rotina, planos, liberdade. Pela primeira vez, sentia que começava a viver não só como filha de alguém, mas como ela mesma. Então os pais decidiram se mudar para um sítio afastado de tudo.

Longe dos amigos, da família, do namorado, da cidade que ela amava. Longe da vida que conhecia. A notícia caiu sobre ela como uma perda. Mesmo assim, como sempre, ela não discutiu. Não gritou, não implorou, não fez cena. Apenas obedeceu.

No sítio, o silêncio não trouxe paz. Trouxe angústia. Os dias pareciam longos demais, vazios demais. À noite, a ausência dos sons da cidade pesava. Não havia vozes na rua, carros passando, vizinhos, movimento. Só o vento, os insetos e uma solidão difícil de explicar. Foi ali que a ansiedade começou a crescer dentro dela, apertando o peito, embaralhando a respiração, transformando o que deveria ser tranquilidade em sufoco.

Ela se sentia culpada por não conseguir amar aquele lugar como os pais amavam. Olhava para a felicidade deles e se perguntava o que havia de errado consigo. Como podia se sentir presa em um espaço tão aberto? Como podia desejar o caos da cidade enquanto todos elogiavam a calma do campo?

Com o tempo, entendeu que não havia nada de errado nela. Entendeu que identidade também é feita dos lugares onde a alma consegue existir sem medo. Algumas pessoas se encontram no silêncio. Outras precisam do

movimento, do encontro, do ruído, da presença humana. Ela era assim. Seu coração não florescia no isolamento.

Foi doloroso perceber isso, porque significava aceitar que amar os pais não a fazia igual a eles. Que obedecer a vida toda não significava pertencer aos sonhos deles. Que crescer, às vezes, exige reconhecer que a felicidade dos outros pode ser o nosso desencontro.

Hoje, quando olha para trás, ela entende que aquele choque não foi apenas uma mudança de endereço. Foi uma ruptura entre quem ela havia aprendido a ser e quem realmente era. No meio da ansiedade, da distância e da saudade, encontrou pela primeira vez a própria voz. E descobriu que existir também é ter coragem de escolher o lugar onde a alma respira.

Na ponta da língua

Mónica Stefanía Arbeláez Rodríguez

Tradução: Lorena Figueiredo

*Em memória
de Edmond Laforest*

Fraternidade

I

Lembra da voz da sua mãe
mesclada ao cheiro da abóbora cozida
sua boca carregada com palavras doces
ao ouvido do seu filho

Sua mãe,
Aquele que borrava o contorno dos seus lábios
Aquele que apagou as linhas do seu rosto
Para você,
Estas palavras de mel
viscosa em sua garganta
estas palavras que sua mãe dizia
não o deixarão parecer.

II

Será que algum dia conseguirei tirar o açúcar da minha
boca?

Você se pergunta
Depois de tantos anos
Você se lembra

que não basta beber vinagre
ou chupar um limão
Você já fez isso
Você pensa

Talvez se digo as palavras que não estão espalhadas como
mel

Voltem a ser palavras espessas
que sua mãe tinha te dito
a irritação e o sufocamento

III

Você se lembra
A mãe me ensinou a saborear
a palavra água dentro da água
a palavra negra inscrita na pele
a palavra doce dissolvida na sopa de abóbora
Eu te digo
Não teve má intenção
Sua mãe te deu palavras

e uma língua que não te pertence
Você se lembra
Quando a mãe falava com a avó
Usava outra palavra para se referir a água
e outra muito diferente para se referir a sua pele
Eu te digo

não pergunte,
ao menos tem palavras
mesmo que sua boca esteja ferida

Igualdade

I
Sua garganta dói
nem uma gota d'água dita em outro idioma
acalma a sua sede.

II
Hoje
sua língua não é
nem mesmo um pedaço de carne.

Liberdade
Você junta os escombros

das suas palavras
e você lembra
que sua voz nasceu quebrada
De longe, vem um barco com um nome estranho.

Você se lembra
o mel
a abóbora cozida
a memória é uma ruína

Sobre a mesa, o dicionário
lê uma página ao acaso
e pensa: letra morta
e pensa: minha voz

O barco com nome estranho já chegou.

É hora de desfazer o pudor,

Todas as palavras caem
entregam o corpo
dizem morte e tudo ganha vida
Não tem palavras
Livre por fim.

Sobre as autoras e os autores

Beatriz Alves Dias tem 26 anos, é graduada em Química pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Atualmente, é estudante de Bacharelado em Letras: Português/Inglês pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC- Campinas).

Daniela Picchiali tem 40 anos, moradora da cidade de São Paulo, é escritora, pesquisadora e professora universitária. Mestre e doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, tem publicado artigos, contos e crônicas em diversas revistas e jornais de arte e comunicação. Em 2024, lançou seu primeiro livro, *Crônicas de um fim*, pela editora Urutau.

Gustavo Souza Santos tem 36 anos, é publicitário, antropólogo, professor e pesquisador da área de Comunicação, Cultura e Estudos Urbanos. É doutor em Desenvolvimento Social (Unimontes) e é doutorando em Comunicação Social (UFMG). É professor da Afya Montes Claros e pesquisador do Núcleo Cidadino (Unimontes) e do Escutas (UFMG).

Joana da Silva Neriz tem 20 anos, é estudante de Fonoaudiologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC- Campinas).

João Sgobin tem 20 anos, é formado no Ensino Médio Técnico com extensão em Análise e Desenvolvimento de Sistemas pela FATEC. Atualmente, é funcionário de TI na Associação Comercial de Americana (ACIA) e cursa Engenharia de Software pela instituição Estácio.

Mirelli Basso tem 20 anos, formada pela Fatec em Análise e Desenvolvimento de Sistemas. Atualmente, é estudante do MBA em Engenharia de Software pela Universidade de São Paulo (USP/Esalq) e atua no cargo de Desenvolvedora Full Stack Junior na IBM da cidade de Hortolândia.

Mónica Stefanía Arbeláez Rodríguez tem 30 anos, é graduada em Língua Espanhola pela Universidade do Tolima (2019) e é professora de literatura. Atualmente, está cursando o Mestrado em Estudios Latino-Americanos na UNAM, na Cidade do México. Seus textos foram publicados em diversas revistas literárias: *Apuntaciones* (2014), *Entrelíneas* (2015), *Poetómanos* (2024) e *Descalzos y en chancletas* (2025).

Sobre a tradutora do poema

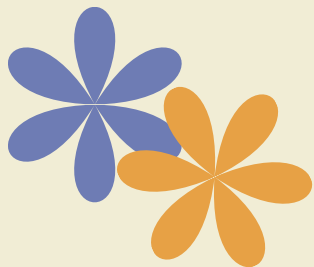
Na ponta da língua

Lorena Figueiredo é brasileira, cineasta e mestre em Comunicação Social pela Universidade de Brasília, atua há quinze anos no mercado audiovisual nas áreas de Direção e Produção. Atualmente, realiza doutorado sanduíche na Universidade Autônoma do México como pesquisadora visitante. Dirigiu e produziu filmes e séries premiados, como *Intervenções Urbanas* (2015), *A cidade que afeta* (2021) e *Agroflorestas pelo caminho* (2023).

Sobre as organizadoras

Heloísa Soledade de Mendonça e **Rafaela Padovan de Oliveira** são estudantes do Bacharelado em Letras: Português/Inglês pela Pontifícia Universidade de Campinas (PUC-Campinas). Organizaram esta antologia como atividade para o componente curricular *Projeto Integrador: Práticas Linguísticas Identitárias*.

Livro confeccionado no componente curricular *Projeto Integrador: Práticas Linguísticas Identitárias*, da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade de Campinas, publicado em maio de 2026.



**O que resta de
nós quando as
palavras do
outro nos
silenciam?**

